

Ó Riordáin e a renovação da poesia em língua irlandesa

Glauco Micsik Roberti

A poesia irlandesa antiga deriva de uma das formas mais arcaicas da prosódia indo-européia de que temos notícia, acompanhada ainda da função social exercida por bardos e druidas. Watkins relaciona o metro antigo irlandês ao metro cadenciado, partilhado com as línguas grega, sânscrita e eslava antiga. Em gaélico irlandês, esse metro já teria trocado as sílabas longas e curtas alternadas pela tonicidade, e já incluía aliterações. Depois da fase arcaica, poetas nas línguas goidélicas (inclusive o gaélico irlandês) desenvolveriam padrões altamente estilizados e decorados de verso. Havia regras rígidas de quantidade de sílabas por verso, consonância, assonância, dissonância, rima masculina e feminina, final e interna, e também rimas genéricas (cujas formas canônicas são registradas a partir do século VI), além de aliterações e conectivos. Ao longo de seu desenvolvimento, foram determinados seis grupos de rimas, que deram origem à criação de novos sistemas de versificação, só igualados em complexidade, nas línguas indo-européias, pela poesia nórdica antiga. Com o declínio das ordens bárdicas nos países celtas (séculos XVI-XVII), formas tradicionais populares ganharam destaque, em combinação com formas importadas de outros países, embora o metro tradicional nunca tenha desaparecido totalmente.

Com a criação do Estado Independente Irlandês, nos anos vinte, começou a ser desenvolvida uma política de promoção e preservação da cultura nacional. A língua irlandesa, antes eclipsada por aspirações mais imediatas de independência, tornou-se uma das prioridades oficiais. A nova política, embora não tão bem sucedida inicialmente, era uma tentativa de fazer renascer a literatura na língua autóctone e criar uma identidade nacional apoiada no conceito de *Dúchas*, a herança cultural celta, combinada, é claro, a um contrato social que envolvia escritor, leitor, política, religião e o mundo acadêmico.

Um dos mais importantes subsídios provenientes dessa iniciativa foi a fundação, em 1926, da editora governamental *An Gúm*, (O projeto) com o objetivo de financiar trabalhos originais e traduções em língua irlandesa. A iniciativa abriria caminho para vários poetas, mesmo que, num primeiro momento, a maioria desses novos escritores se voltasse para a tradição num sentido mais restrito, e por esse mesmo motivo, distante da proposta do Modernismo. Mais do que compor a literatura irlandesa, a ênfase era a de escrever em bom irlandês.

O período de *Emergência*, como foi chamada a neutralidade irlandesa durante a Segunda Guerra Mundial, trouxe uma nova maneira de enxergar a Irlanda e suas relações com o estrangeiro. Surgiriam novos poetas, tais como Máirtín Ó Direáin (1910-1988), Seán Ó Riordáin (1916-1977), Eoghan Ó Tuairisc (1919-1982) e Máire Mhac an tSaoi (1922-), que de pontos de partida diversos, não só seriam capazes de se expressar em irlandês com qualidade literária, mas também de assimilar as influências de outras literaturas, compartilhando e expressando preocupações e questões em comum.

Provavelmente o mais importante dos poetas a escreverem em irlandês neste período, e talvez até hoje, tenha sido Seán Ó Riordáin. Autor de apenas quatro livros, cuidadosamente destilados, iniciou o processo, então atrasado, na Irlanda, da transforma-

ção da linguagem moderna. Foi capaz de combinar diversas formas do intrincado metro irlandês tradicional ao verso livre, a situação da Irlanda à verdade particular do indivíduo, em um código que era tanto seu meio quanto seu objetivo.

Sua linguagem é pessoal, seu novo dialeto, poderíamos dizer, diferente do de qualquer outro poeta em gaélico, feito de palavras-chave, com seus compostos criativos e seus adjetivos inovadores, suas fortes imagens e a sintaxe simples e direta. Os temas presentes nos poemas são poucos, e identificam-se com os do país: o nacionalismo e a cultura, (sendo que a língua é o ponto fundamental de quase toda a literatura gaélica no século vinte) e a fé.

O escritor procura descrever a essência das coisas através da experiência, mais ou menos tangível, parte dos elementos naturais, à nação e à religião, pela mistura de efeitos. Ele procura a fé questionando a religião, opondo a essência das coisas e sua filosofia aos valores passageiros, faz afirmações sobre a falsidade das aparências. Suas idéias são comparáveis às dos existencialistas, como Kierkegaard, embora suas origens o distanciem da outra vertente, urbana, do pós-guerra. Ó Ríordáin defendia, entre o passado e o presente, um estado de completude nacional, espiritual.

Segue aqui minha tradução de um de seus poemas mais famosos, *Saoirse (Liberdade)*. Gostaria de agradecer ao Irish Literature Exchange pela oportunidade que tive de efetuar a pesquisa necessária para a futura publicação de uma antologia de poesia irlandesa sobre os conflitos e o estrangeiro na Irlanda, e também a todos os que me receberam e ajudaram, em especial a Sinéad MacAodha, do ILE, por sua simpatia e por tornar isso possível, a Joseph Woods, do Poetry Ireland, que além de todo o auxílio, presenteou-me com meu primeiro livro de poesias em irlandês e a Aifric MacAodha, que, além de ensinar-me o irlandês, aparentemente continuará a resolver minhas dúvidas por um bom tempo, dada a facilidade da língua.

ROBERTI, Glauco Micsik. Ó Riordáin e a renovação da poesia em língua irlandesa

SAOIRSE
Seán Ó Riordáin

Raghaidh mé síos i measc na ndaoine
Da shiúl mo chos,
Is raghaidh mé síos anócht.

Raghaidh mé síos ag lorg daoirse
Ón mbinibshaoirse
Tá ag liú anseo:

Is ceanglód an chonairt smaointe
Tá ag drannadh im thimpeall
San uaigneas:

Is loirgeod an teampall rialta
Bhíonn lán de dhaoine
Ag am fé leith:

Is loirgeod comhluadar daoine
Nár chleacht riamh saoirse,
Ná uaigneas:

Is éistfead leis na scillingsmaointe,
A malartaítear
Mar airgead:

Is bhéarfad gearn mo chroí do dhaoine
Nár samhlaíod riamh leo
Ach macsmaointe.

Ó fanfad libh de ló is d'óiche,
Is beidh mé íseal,
Is beidh mé dílis
D'bhur snabsmaointe.

Mar do chuala iad ag fás m'intinn,
Ag fás gan chuimse,
Gan mheasarthacht:

Is do thugas gearn mo chroí go fíochmhar
Don rud tá srianta,
Do gach macrud:

Don smacht, don reacht, don teampall daoineach,
Don bhfocal bocht coitianta,
Don am fé leith:

Don ab, don chlog, don seirbhíseach,
Don chomparáid fhaitíosach,
Don bheaguchtach:

Don luch, don tomhas, don dreancaid bhídeach,
Don chaibidil, don líne,
Don aibítir:

ROBERTI, Glauco Micsik. Ó Riordáin e a renovação da poesia em língua irlandesa

Don mhórgacht imeachta is tíochta,
Don chearrbhachtas istoíche,
Don bheannachtain:

Don bhfeirmeoir ag tomhas na gaoithe
Sa bhfómhar is é ag cuimhneamh
Ar pháirc eornan:

Don chomhthuisint, don chomh-sheanchuimhne,
Do chomhiompar comhdhaoine,
Don chomh-mhacrud.

Is bheirim fuath anois is choíche
Do imeachtaí na saoirse
Don neamhspleáchas.

Is atuirseach an intinn
A thit in iomar doimhin na saoirse,
Ní mhaireann cnoc dár chruthaigh Dia ann,
Ach cnoic theibí, sainchnoic shamhlaíochta,
Is bíonn gach cnoc díobh lán de mhianta
Ag dreapadóireacht gan chomhlíonadh,
Níl teora leis na saoirse
Ná le cnoca na samhlaíochta,
Ná le níl teora leis na mianta,
Ná faoiseamh
Le fáil.

LIBERDADE

Irei descer entre os homens
Andar sobre os pés
Irei descer esta noite.

Irei descer em procura, do cativoiro
Da afiada liberdade
Aqui tão gritante.

E irei amarrar a matilha pensante
Que continua, ao meu redor, ganindo
Na solidão.

E irei buscar a igreja ordenada
Cheia de gente
Em certo momento.

E irei buscar a companhia de homens
Que não tenham a prática da liberdade
Ou do isolamento.

E irei escutar seu pensar em tostões,
Que negociam
Como dinheiro.

ROBERTI, Glauco Micsik. Ó Riordáin e a renovação da poesia em língua irlandesa

E darei o amor, em meu coração, àqueles
Que não concebem nada
Além do pensar ecoante.

E eu ficarei com vocês, dia, noite,
E serei humilde
E serei leal
À impulsividade.

Pois a ouvi, em minha mente
Crescendo, sem limite,
Sem controle.

E dei o amor mais vil, em meu coração,
Ao que restringe
A cada coisa que ecoa:

Ao controle, à lei, aos templos dos homens
À pobre palavra simples
A um certo tempo.

Ao abade, ao relógio, ao serviçal,
À comparação espantosa,
Ao temeroso,

Ao rato, à medida, à traça diminuta,
À linha, ao capítulo
E alfabeto,

Às muitas idas e vindas,
À noite de jogatina,
Aos cumprimentos,

Ao fazendeiro e ao vento,
Que verifica no outono,
No campo de cevada.

Ao senso comum, à velha memória comum,
Ao comportamento comum,
Que copia e ecoa o comum.

Agora, e para sempre, darei meu ódio
Às práticas da liberdade,
À independência.

Cansa-se a mente
A cair no profundo fosso da liberdade,
Nenhuma colina, criada por Deus, aqui existe,
Mas colinas abstratas, colinas perfeitas e imaginárias,
E cada colina, cheia de desejos,
Escalada sem plenitude.
Não há limite à liberdade
Nem às colinas da imaginação,
Nem há limite aos desejos,
Nem descanso
A se ter.

ROBERTI, Glauco Micsik. Ó Riordáin e a renovação da poesia em língua irlandesa

SOBRE O TRADUTOR

Glauco Micsik Roberti é tradutor e lingüista, obteve grau de mestre pela USP em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês com a dissertação “A batalha de Maldon: tradução e aliteração”. É um dos autores da *Gramática da Língua Neerlandesa* (2004) e atualmente está traduzindo uma antologia de poesia irlandesa sobre o conflito.